

'Mater et magistra' Educação

**Dom Lucas
Moreira Neves ***

A marrar estes dois atributos e aplicá-los, assim conjugados, à Igreja de Cristo, no cabeçalho de uma encíclica, foi uma intuição genial do velho papa João XXIII. Sob as imagens, diversas, mas complementares, da mãe e da mestra, ele desenhava, luminosa e convincente, a imagem de uma igreja consciente de ser antes de tudo educadora.

Educadora, ela o foi praticamente desde que nasceu sob o impulso de um mandato, dirigida aos apóstolos: 'Ide, instruí todas as gentes, ensinando-as a praticar tudo o que vos mandei. Com coração de mãe e competência de mestra, ao longo de toda a sua história quase bimilenar, ela se empenhou de todos os modos na educação dos seus fiéis, como de todos os que, sem pertencer a ela, procuraram ou aceitaram seus préstimos de educadora. Lugares de educação foram, em tempos imemoriais, as escolas monásticas nascidas à sombra de todos os cenóbios. Foram as catedrais, pedagogas não só pela pregação dos

bispos, mas até pela voz dos vitrais incomparáveis, dos capitéis, dos altares de pedra e dos imensos tímpanos carregados de lições bíblicas cristalizadas em estátuas. Educadora, a Igreja o foi quando gestou em sua matriz fecunda as primeiras universidades, deu vida a inúmeras congregações religiosas masculinas e femininas, dedicadas exclusivamente à educação, e continua a manter por todo o mundo espaços e quadros de educação.

Se, com estas pinceladas rápidas, eu acendo as luzes em cima da Igreja na sua vocação e missão de educadora, é por um simples motivo. É porque escrevo este rodapé na ampla Vila Kostka de Itaiaci, e aqui 274 bispos, auxiliados por uma centena de assessores, subsecretários regionais e representantes de várias entidades eclesiais, tratam, como tema principal e dominante da 28ª Assembléia-Geral da CNBB, a educação.

Uma comissão preparou, em meses de trabalho intenso, um instrumento de trabalho, um pré-texto mais do que texto definido, para exame, aprovação e emendas dos bispos. Não é forçoso, nem parece provável,

que da assembléia venha a sair o documento acabado e conclusivo da assembléia, e portanto da própria CNBB, sobre educação. Por isto, mais do que pré-texto, dos debates sobre ele e do eventual documento decisivo, esta crônica falará, com grande modéstia, de dois assuntos.

O primeiro, que abordo com boa dose de constrangimento, muita pena e não menor preocupação e susto, é o mísero estado a que foi reduzida a educação no país, nestes últimos anos. Sem querer bater mea-culpa no peito de ninguém, é evidente que o quadro desolador só pode ser fruto de descasos, de incompetências, de escassa vontade política em todos os níveis de responsabilidade.

Chocado pelo escandaloso panorama educacional que encontrei ao chegar depois de 13 anos e meio de ausência, estou dirigindo-me, do auditório e das salas de reunião de Itaiaci, a todos os responsáveis, dos governantes aos senhores e donos da mídia, dos encarregados de formar professores aos próprios professores, dos educadores aos alunos. Estou lançando um SOS-educação que venha somar-se aos muitos outros que ressoam por aí, partin-

do de todos os quadrantes de uma nação extremamente carente em matéria de educação.

As estatísticas apresentadas por quem mais afeito está ao problema — porcentagem de analfabetos, curvas de evasão escolar de um ciclo pra outro, expectativa referente ao quadro de educadores em futuro próximo, qualidade de ensino e dos programas, métodos a empregar — deixam um travo muito amargo e mostram a cruel hipoteca que pesa sobre o futuro próximo e remoto do nosso país, em face da sua juventude, à qual é negada a possibilidade de educar-se. Permitam-me os leitores habituais repetir a minha convicção de que sem alfabetização e educação de base não é honesto falar de promoção humana, nem de libertação, nem de marginalizados que assumam a própria história e o próprio destino.

O segundo assunto é uma conversa que há muito desejo ter, intramuros, com meus irmãos bispos e com nossos imediatos colaboradores sacerdotais e diáconos, religiosos (as) e leigos (as). Quem sabe se terei possibilidade de ferir o tema, em um desses dias, em Itaiaci.

Convencido de que a Igreja, perita

em humanidade, é também mãe e mestra, perita em educação, pergunto-me sem cessar se a Igreja no Brasil não poderia jogar todos os recursos humanos de que dispõe em uma vasta cruzada alfabetizadora. Tal cruzada deve ter como força inspiradora a certeza de que o analfabetismo é para cada analfabeto uma ferida moral, pela humilhação que impõe, pela marginalização que produz, pela escravidão que determina. Para o país ela é um sinal de atraso e uma ameaça de maior atraso ainda, amanhã.

Sei que é tarde demais para dar partida a essa cruzada no ano da alfabetização, em 1990, mas esta poderia ser a oportunidade única para começar a planejar algo. Seria traduzir em gesto concreto o interesse pela educação manifestado na assembléia.

Quem, como eu, tem lido e meditado os muitos pronunciamentos de João Paulo II sobre o analfabetismo tem certeza de contar com todo o seu apoio para o que, como Igreja, se puder fazer neste domínio da educação.